

Desinformação e democracia

*A guerra contra as fake news
na internet*

edição brasileira© Hedra 2021

edição Jorge Sallum

coedição Suzana Salama

assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier

revisão Renier Silva

capa Ronaldo Alves

ISBN 978-65-89705-34-5

conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Desinformação e democracia

*A guerra contra as fake news
na internet*

Rosemary Segurado

1ª edição

hedra

São Paulo 2021

Desinformação e democracia propõe uma reflexão sobre a indústria de produção e disseminação de informações falsas. A partir das redes de desinformação criadas durante a pandemia do coronavírus, são discutidos temas como o anticientificismo, negacionismo e anti-intelectualismo, além do papel das tecnologias de informação e comunicação na produção e do espalhamento de informações que abalam a dinâmica democrática. Dinâmica, a análise também aponta para as iniciativas de enfrentamento à desinformação, que vão desde projetos de lei até organizações da sociedade civil que combatem a dispersão de mentiras.

Rosemary Segurado é doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP e pós-doutora em Comunicação Política pela Universidade Rey Juan Carlos de Madrid. Atualmente é pesquisadora da PUC-SP e coordenadora do curso Mídia, Política e Sociedade, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. É também pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP) da PUC-SP e editora da *Revista Aurora*.

Sumário

Introdução	9
Pandemia, desinformação e estratégia de morte	13
O uso das redes digitais e o impacto na ordem democrática	47
Fake news e a ordem do discurso desinformativo	85
A outra face da pandemia	113
Referências bibliográficas	119

Introdução

A desinformação como estratégia de governo

A mentira se converte em ordem universal.

FRANZ KAFKA

Este livro foi concluído em plena pandemia da COVID-19, um dos momentos mais trágicos da história, que transformou o modo de viver da população pelo mundo. Também transformou a proposta inicial dessa publicação. Fomos atravessados por esse acontecimento, e foi impossível não colocá-lo em destaque.

O Brasil foi reconhecido internacionalmente como o país com a pior gestão da pandemia, e o presidente considerado um dos mandatários mais negacionistas e insensíveis frente ao imenso número de mortes registrados no país.

A Internet e as redes sociais digitais passaram a ser, para muitos, a janela para o mundo. Através dela eram realizadas atividades profissionais, encontros com amigos e familiares, compras e vendas *online*, aulas, consultas médicas e acesso à cultura. A vida estava circunscrita às telas de computadores e celulares, embora a maior parte dos brasileiros já não pudesse mais se manter em isolamento social, ao colocarem suas vidas em risco para garantir o sustento da família.

As plataformas digitais foram fundamentais para diminuir o impacto do distanciamento social. Mas foi também por meio delas que o compartilhamento de informações falsas, mentiras e boatos sobre a pandemia cresceu. O país ocupou o triste lugar daquele onde mais se compartilhou informações falsas ou duvidosas sobre o coronavírus.

O negacionismo se manifestou de diversas formas, e foi uma constante durante a pandemia. Alimentou as redes de desinformação e criou grande confusão entre os brasileiros sobre a conduta a ser adotada para se proteger de um vírus extremamente contagioso.

A pandemia se tornou então uma espécie de pano de fundo para os discursos de ódio, teorias conspiratórias, notícias falsas que proliferavam nas redes produzindo um ambiente de desconfiança, medos e incertezas.

O primeiro capítulo do livro tem como eixo a reflexão sobre a desinformação na pandemia. Foi inicialmente planejado para analisar o anticientificismo, negacionismo e anti-intelectualismo. Mas a opção foi, por fim, pela discussão dos conceitos a partir do contexto da indústria de produção e disseminação de informações falsas ou duvidosas, no cenário trágico de crescimento do número de contaminados e de mortos. Durante o processo, foi identificado que a pandemia se transformou em um palco para a disputa de narrativas em torno da COVID-19: além do debate com argumentos científicos, também um campo de disputa político, ideológico, sanitário, econômico e social.

No segundo capítulo, o uso da desinformação na dinâmica política, particularmente nos processos eleitorais, é discutido. E recupera o debate sobre a desinformação e as *fake news*: o papel das tecnologias de informação e comunicação na

produção e disseminação de informações responsáveis pelo abalo à dinâmica democrática.

É também abordada a eleição de 2018. A apresentação das denúncias de ilegalidades ocorridas durante o processo eleitoral, as investigações em andamento, além divulgação contínua de informações falsificadas e fraudulentas durante o governo de Jair Bolsonaro, que configurou o processo de institucionalização da prática desinformativa por parte de lideranças políticas governamentais.

O terceiro capítulo fala sobre os principais conceitos e teorias acerca dos termos *fake news*, desinformação e pós-verdade – aspecto fundamental para qualificarmos o debate, tendo em vista por exemplo que *fake news*, além de ser um termo impreciso, é incapaz de explicar a complexidade do fenômeno.

Falaremos também sobre iniciativas para enfrentamento à desinformação, que vão desde projetos de lei até campanhas de boicote do financiamento a sites que produzem e compartilham *fake news*. Além de iniciativas da sociedade civil, que atuam no combate ao crescimento da produção e disseminação de mentiras.

Considerada a gravidade do fenômeno da desinformação, e sua conseqüente demanda por um amplo debate social, as formas de enfrentamento verificadas em projetos, legislações, plataformas, aplicativos e cartilhas são de grande importância. Da observação dos esforços empreendidos pelos mais diversos setores da sociedade civil, veremos como, apesar do momento inegavelmente conturbado que vivemos, é também necessário o reconhecimento da movimentação democrática para enfrentar o processo.

Pandemia, desinformação e estratégia de morte

Maria Júlia era auxiliar de enfermagem de uma *instituição de longa permanência* (ILP) para acolhida de idosos e por esse motivo estava no grupo prioritário para a imunização contra o novo coronavírus. Essa decisão das autoridades de saúde partia do princípio da vulnerabilidade desses profissionais, constantemente expostos ao vírus e mais suscetíveis ao contágio.

A cuidadora recusou-se a tomar a vacina e ainda assim continuava trabalhando, até que vieram os primeiros sintomas da doença: febre, dor de garganta e pelo corpo. Não se preocupou, achou que era uma gripe como qualquer outra. Lembrava-se das palavras do presidente Jair Bolsonaro que desde o início da pandemia afirmava que era uma gripezinha.

Passaram-se alguns dias e a auxiliar de enfermagem começou a sentir falta de ar e decidiu fazer o teste para saber se havia sido contaminada. O resultado foi positivo. Continuou tranquila e, mais uma vez, resolveu seguir as orientações do que chamava o “kit do nosso presidente”. Começou a usar o medicamento precoce, à base de cloroquina e ivermectina, e continuou em casa esperando pela melhora. Vale ressaltar que o uso desses medicamentos era contestado por autoridades sanitárias internacionais através de vários estudos que demonstravam sua ineficácia para o tratamento do novo coronavírus.

Como a dificuldade para respirar aumentava, ela resolveu procurar um pronto-socorro da rede pública. Os exames detectaram grave comprometimento dos pulmões, motivo que a levou a ser internada. A gravidade da situação de Maria Júlia inspirava os cuidados da UTI, mas naquele momento o hospital não tinha leitos disponíveis. Foi obrigada a permanecer por um período em uma maca aguardando a liberação de uma vaga. Seu estado de saúde piorou, a ponto de precisar ser entubada. Ficou inconsciente por alguns dias, até melhorar o suficiente para continuar o tratamento em leito normal e, finalmente, ter alta e retornar para casa.

Após uma crise de choro, declarou se sentir arrependida por negligenciar a doença, entendendo que era, de fato, muito perigosa. Também se sentia culpada por achar que poderia ter contaminado até mesmo seus pais e outros idosos, o que de fato ocorreu. Enquanto estava na UTI, seus pais foram internados, intubados, mas não resistiram à doença e faleceram.

Histórias como essa foram contadas por profissionais da linha de frente do enfrentamento à pandemia de COVID-19 e, desde 2020, passaram a fazer parte cotidiana da cobertura midiática. Por outro lado, também aumentaram muito os boatos, rumores e a desinformação sobre a doença, disseminados pelas redes digitais. Estava em curso a disputa de narrativas em torno da pandemia. Ao mesmo tempo que se verificava o grande esforço das autoridades sanitárias internacionais para adotar as medidas adequadas para garantir a saúde da população, autoridades públicas, valendo-se das estratégias negacionistas e de teorias da conspiração, contribuíam para gerar um ambiente de desconfiança na popula-

ção. E como era de se esperar, essa dinâmica repercutia no comportamento individual e coletivo.

Era possível acompanhar os esclarecimentos de médicos sanitaristas, infectologistas, virologistas, biólogos que passaram a ocupar as telas das emissoras de tv, lives da Internet, microfones das emissoras de rádio, páginas de jornais para explicar no que consistia a pandemia da COVID-19, seus riscos de contágio, possibilidades de tratamento, efeitos colaterais nos pacientes que sobreviveram à doença. Enfim, desenvolvendo um serviço de utilidade pública da maior importância para esclarecer a população. Esses técnicos também tentavam desmentir boatos, notícias falsas e informações descontextualizadas, no esforço de fazer com que a população orientasse suas condutas baseadas em critérios estabelecidos a partir de evidências, elementos empíricos em debate na comunidade científica em âmbito internacional, que desenvolviam estudos para compreender o comportamento do novo coronavírus.

O alto volume de informações que circulavam sobre a pandemia fez com que alguns pesquisadores passassem a chamar o fenômeno de *infodemia*, ou seja, um excesso de explicações que circulavam nas mais diversas mídias. Não se trata apenas de notícias falsas ou desinformação, mas o volume dificultava a seleção das orientações oferecidas por autoridades sanitárias com base em evidências daquelas que não tinham nenhum embasamento científico. Era um cenário propício para a disseminação de notícias falsas e desinformação, agravando o desafio de enfrentar os impactos causados pela doença.

Essa preocupação também mobilizava as autoridades sanitárias, como a gerente de mídias sociais da Organização

Mundial de Saúde (OMS), Aleksandra Kuzmanovic, que acompanhava Facebook, Twitter, Pinterest e Google para garantir que usuários dessas redes tivessem acesso às informações oficiais.

Conforme declarado pela OMS, o surto de COVID-19 e a resposta a ele têm sido acompanhados por uma enorme infodemia: um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa [...] Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus.¹

A infodemia no Brasil se materializava na enxurrada de desinformação, tendo como importante polo emissor o governo federal, que passava a maior parte do tempo se dedicando à produção e disseminação de mentiras e informações distorcidas sobre a pandemia. Tempo que se tivesse sido dedicado ao esclarecimento dos riscos trazidos pelo vírus e na busca de soluções adequadas para enfrentá-lo, certamente, teríamos um cenário com menos mortes.

NEGACIONISMO CIENTÍFICO E A REALIDADE PARALELA

Segundo ranking desenvolvido pela Universidade de Hopkins, dos Estados Unidos, o Brasil detinha o recorde mundial no compartilhamento de peças de desinformação sobre o número de mortos e infectados pela COVID-19. Esse levanta-

1. Organização Pan-Americana da Saúde. *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra o COVID-19*. Relatório do Departamento de Evidência para ação em saúde, 2020.

mento foi realizado com base nas plataformas de checagem de informações para contestar o discurso de negação sobre a doença.

O negacionismo científico gera diversionismo, cria ambiente de perda de credibilidade nos procedimentos científicos, proporcionando uma espécie de suspensão dos parâmetros de realidade. E, frequentemente, gerando uma ambientação característica de realidade paralela, uma espécie de aversão ao conhecimento e apologia à ignorância, desconsidera fatos – ou, como dizia o ex-presidente Trump, apresentar fatos alternativos.

As diversas teorias da conspiração que alimentam os processos de desinformação estão cada vez mais vinculadas aos grupos ultraconservadores e extremistas de direita, motivados pela cruzada anticiência e na deslegitimação do papel da pesquisa científica. No caso das campanhas antivacina é possível verificar o estímulo à desconfiança na comunidade médica, por meio de mensagens e campanhas difamatórias.

Evidentemente, a ciência tem falhas, apresenta controvérsias e pode cometer erros em estudos e condutas adotadas. Portanto, pode e deve ser problematizada em seus métodos e práticas, até mesmo porque é esse processo que amplia o conhecimento científico. A cloroquina é um exemplo desse processo de investigação científica. Em uma primeira fase de testes, chegou a ser cogitada por alguns profissionais da área da saúde como medicamento indicado para o cuidado de pessoas infectadas pela COVID-19. Com a continuidade das pesquisas e após debates, estudos, evidências empíricas, verificou-se que não somente ela não era eficaz para esse tipo de tratamento como também pode ser perigosa, trazendo

efeitos colaterais, por exemplo, em pacientes com problemas cardíacos.

Podemos entender o negacionismo científico como a forma de se recusar evidências da realidade empírica. Trata-se da rejeição de conceitos básicos, construídos por meio dos debates estabelecidos pela comunidade científica em detrimento de ideias controversas, radicais e de teorias da conspiração.

Na mesma perspectiva, o anti-intelectualismo expressa um sentimento oponente em relação a pesquisadores e cientistas. Uma ação comum é o ataque à ciência, à educação e à arte, com argumentos extremistas que exploram um sentimento de hostilidade em relação ao conhecimento científico, criando um falso ambiente de rivalidade.

As motivações vão desde crítica a intelectuais, aos métodos da pesquisa científica até acusações mais injustificadas sobre a existência de linhas de financiamento à investigação, principalmente no âmbito acadêmico. Uma situação que ilustra perfeitamente o negacionismo científico por parte do governo federal e parlamentares do Congresso Nacional que fazem parte da base de apoio do presidente foi o debate sobre a destinação de recursos orçamentários para a realização do Censo Demográfico. Realizado de dez em dez anos, trata-se de um levantamento fundamental para o conhecimento da realidade socioeconômica de um país e serve de base para a elaboração de políticas públicas, entre diversas outras ações.

O orçamento de 2021 não destinou verba para a realização desse levantamento e o Brasil corre o risco de viver uma espécie de apagão estatístico. Ao mesmo tempo que o corte era realizado, Bolsonaro praticava o bom e velho “toma lá, dá cá”, liberando bilhões em verbas para que parlamentares

utilizassem em suas regiões, mantendo os eleitores em troca de obras cuja finalidade poderia ser questionada em muitos casos.

É importante ressaltar que além do conhecimento científico e seus parâmetros e regras próprias, também consideramos legítimos outros saberes como aqueles praticados por povos tradicionais, tais como indígenas e quilombolas. Os saberes desses povos são muito importantes para seus modos de vida e é fundamental pensarmos que o conhecimento científico não deve se sobrepor ao conhecimento popular. Devem, portanto, ser saberes aliados com o objetivo de garantir a melhoria das condições de vida das populações.

A PRODUÇÃO POLÍTICA E CULTURAL DA IGNORÂNCIA

Robert Proctor, professor de História da Ciência da Universidade de Stanford, nos EUA, afirma que há uma forma de produção política e cultural da ignorância, a agnotologia, conforme definiu. Alguns grupos econômicos e políticos se beneficiam da ignorância social e as populações se tornam facilmente moduláveis por informações duvidosas. Significa dizer que o culto à ignorância não está necessariamente relacionado à falta de escolaridade, mas principalmente a interesses sociais, econômicos e políticos que pretendem manter parcela da população cada vez mais conectada a realidades paralelas.

As práticas anticientificistas não são exatamente novidades, ainda menos no campo da saúde, onde é frequente o fenômeno do compartilhamento de informações ou “dicas” milagrosas sobre cuidados para se evitar ou cuidar de determinadas doenças. Tudo isso, presente há algum tempo no

debate social, ficou ainda mais acentuado com o surgimento da COVID-19.

De certa forma, a humanidade foi surpreendida pela pandemia. Um acontecimento distópico, típico dos filmes hollywoodianos de catástrofe, que tantas vezes representaram nas telas pandemias que praticamente extinguiriam a humanidade. Há tempos alguns cientistas anunciavam a possibilidade de vivenciarmos um impacto nos modos de adoecimento, nas mutações de vírus da gripe e nas mudanças climáticas, alertando-nos sobre a possibilidade de vivenciarmos um processo de contágio em escala planetária que viria a incidir em nossos modos de vida, nas formas de produzir e de consumir.

A pandemia acionou um cenário quase épico, cuja memória da população global se limitava às narrativas encontradas em livros de história, na literatura, no cinema, nas artes plásticas e em algumas poucas pessoas centenárias.

Uma pandemia ocorre quando uma epidemia foge ao controle local e passa a afetar grandes contingentes populacionais, podendo atingir o planeta como um todo, como no caso da COVID-19. Historicamente, as gripes já se tornaram pandêmicas. No início do século xx, a gripe espanhola contaminou 50% da população mundial e matou aproximadamente 5% em um período de aproximadamente dois anos. Tudo indicava que o vírus veio da Europa em navios e desembarcou no país com pessoas já contaminadas.

As pandemias têm origem com bactérias e vírus. Especificamente no caso dos vírus, eles podem circular facilmente entre espécies diferentes, possuem maior capacidade de adaptação e por isso podem se tornar pandêmicos. Por exemplo, o vírus que causou a gripe aviária teve origem nas aves, a

gripe suína veio dos porcos e, provavelmente, o ebola teve origem no morcego. Além disso, há os mosquitos transmissores. No caso do Brasil, a dengue, zika e chicungunha, são transmitidos pelo *Aedes aegypti*, o mosquito-da-dengue.

O surgimento de uma pandemia já era previsto pela comunidade científica devido a uma série de mutações de alguns vírus e pelas mudanças ambientais e climáticas. Em maio de 2019, a plataforma Netflix lançou uma série chamada “Pandemia” e é surpreendente como um conjunto de cientistas já alertava a proximidade de um novo tipo de gripe que poderia contaminar a humanidade. Na série também apareceu o desafio imposto pelas teorias da conspiração através das notícias falsas como no surto de ebola nos países africanos. Vários boatos disseminados afirmavam que a vacina era parte de um plano dos Estados Unidos para matar a população, fazendo com que muitos deixassem de se imunizar e contraíssem a doença.

Os vírus, no geral, possuem um comportamento complexo e necessitam de diversos condicionantes para se instalarem e proliferarem. Não é objetivo abordar em profundidade essa temática, mas destacar alguns aspectos que fazem com que a pandemia sinalize elementos fundamentais para pensarmos sobre os modos de vida da contemporaneidade, tais como a forma como vivemos, produzimos, consumimos, nos deslocamos e descartamos resíduos sólidos, parte de uma conduta que vem alterando de forma destruidora os recursos naturais.

O médico Stefan Cunha Ujvari, em sua obra *História da humanidade contada pelos vírus*, demonstra a centralidade do papel dos microrganismos na História, apresentando a inter-relação entre a genética e as ciências humanas e sociais. Trata-se de uma reflexão fundamental para se compreender essa

convivência, seus impactos e riscos, tendo em vista que esse encontro provoca o que o autor denomina por “estilhaços microscópicos deixados no organismo invadido”, transformando a dinâmica dos corpos e, inevitavelmente, as próprias sociedades.

Entre as medidas adotadas por governantes em diversos países estão o mapeamento e a modelagem da propagação do vírus a partir do monitoramento dos comportamentos por meio dos dispositivos tecnológicos. Isso propiciou que em alguns lugares fosse possível a realização do confinamento de pessoas que apenas haviam estado nos mesmos lugares que pessoas contaminadas, como por exemplo o transporte público. Aqui fica a tensão, o paradoxo entre a adoção de medidas sanitárias para conter a escalada do vírus e a manutenção da privacidade afetada pelas tecnologias de controle individual e coletivo e, normalmente, a preocupação com o bem-estar coletivo impõe decisões que futuramente podem ser utilizadas para outros fins.

Alguns países atuaram mais rápido e de forma mais eficaz justamente porque conseguiram conter o número de contaminados e de mortes. Outros, como o Brasil, não vivenciaram a mesma situação. Infelizmente, o país é considerado com um dos piores no gerenciamento da pandemia. Isso ocorre não somente pelo conjunto de deficiências no sistema de saúde, embora os princípios norteadores de seu funcionamento sejam bastante avançados, mas principalmente pela desastrosa gestão do governo federal.

COLEÇÃO «BOLSO»

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis

44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyō
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla – A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides

89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
94. *Sobre a filosofia e seu método – Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisistrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia (vol. 2)*, Max Nettlau
115. *Sobre a ética – Parerga e paralipomena (v. II, t. II)*, Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Charles Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
127. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Engels

COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A metamorfose*, Kafka
2. *O príncipe: bilingue*, Maquiavel

3. *Hino a Afrodite e outros poemas: bilingue*, Safo de Lesbos
4. *Jazz rural*, Mário de Andrade
5. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Friederich Engels
6. *Præterita*, John Ruskin

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caieiro*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé – poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
25. *Democracia*, Luiz Gama
26. *Liberdade*, Luiz Gama
27. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
28. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

1. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
2. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
3. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
4. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
5. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupã Popyguá
6. *Os cantos do homem-sombra*, Mário Pies & Ponciano Socot
7. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
8. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
9. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
10. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin Gallois

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

COLEÇÃO «NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil, na data de 3 de novembro de 2021, em papel pólen soft, composto em tipologia Swift Neue e Minion Pro, com diversos softwares livres, dentre eles Lua[®] e Xe[®] git.
(v. dc6b11f)

